

USOS DO *SE* CONDICIONAL: ANÁLISE DA ORDEM DA ORAÇÃO ADVERBIAL E DO ESTATUTO INFORMACIONAL

Aymmée Silveira Santos¹
Camilo Rosa Silva²

RESUMO

A ordem dos constituintes de uma sentença é comumente um dos parâmetros utilizados nos estudos linguísticos para a classificação das línguas naturais. Nesse contexto, observamos que o conector *se*, classificado pelos gramáticos normativos como conjunção condicional, e considerado mais prototípico de sua categoria, pode apresentar variações no que diz respeito à posição em que aparecem nas orações adverbiais condicionais, demonstrando diferentes propósitos comunicativos, associados às informações veiculadas. Este trabalho tem como objetivo geral descrever e analisar a ordem da oração adverbial e sua relação com o estatuto informacional nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector *se*, a fim de identificar suas variações sintáticas, semânticas e discursivas. É fundamentado na vertente da Linguística Funcional Norte-Americana, tendo sido utilizados como aportes teóricos estudos desenvolvidos por Neves (2018), Castilho (2010), Givón (1991), dentre outros. O *corpus* utilizado na pesquisa foi o banco de dados *Corpus do Português*, sendo selecionados os jornais *online*. Pudemos constatar, com base nos resultados obtidos, que a ordem das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector *se* e sua relação com o estatuto informacional demonstrou variações em seus usos.

Palavras-chave: Gramática Funcional, Variações nos usos, Ordem da oração adverbial, Estatuto informacional, Conector condicional *se*.

INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos, em geral, abordam como um dos parâmetros para a classificação das línguas naturais a ordem dos constituintes de uma sentença, reconhecendo como mais usual, no português, a ordem sujeito-verbo-objeto (SVO). Cabe, no entanto, destacar a possibilidade de haver mobilidade sintática, a depender dos propósitos comunicativos dos usuários da língua.

Diferentemente do que estabelecem as gramáticas normativas, a estudiosa funcionalista Bybee (2016) defende que uma língua, ao mesmo tempo em que apresenta

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, aymmeesst@gmail.com;

² Professor orientador: Doutor em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, com Pós-Doutorado em Letras na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, camilorosa@gmail.com.

regularidade de padrões, apresenta variação quando comparada a outras línguas ou a enunciados e usos diversos de uma mesma língua. Desse modo, é fundamental que os usos linguísticos sejam analisados com base nos aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos. Essa concepção de que a língua não pode ser descrita como um sistema integralmente autônomo é também legitimada por Givón (1991), ao sustentar que a estrutura gramatical é continuamente constituída, estando em constante reformulação num processo nunca totalmente completado.

Com base na noção de estrutura gramatical continuamente constituída desenvolvida pelos estudos da vertente funcionalista, observamos que o conector³ *se*, classificado pelos gramáticos normativos como conjunção condicional, pode apresentar variações no que diz respeito à posição em que aparecem nas orações adverbiais condicionais, demonstrando diferentes propósitos comunicativos, associados às informações veiculadas. Nessa perspectiva, o presente trabalho⁴ tem como objetivo geral descrever e analisar a ordem da oração adverbial e sua relação com o estatuto informacional nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector *se*, a fim de identificar suas variações sintáticas, semânticas e discursivas. Os objetivos específicos são: i) descrever e analisar a ordem das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector *se*; ii) descrever e analisar o estatuto informacional das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector *se*, buscando relacionar com a posição em que o conector aparece nas orações; iii) identificar as variações sintáticas, semânticas e discursivas inerentes aos usos do conector *se*, com base na ordem em que aparece nas orações adverbiais condicionais e nas informações veiculadas por elas. Para isso, utilizamos como *corpus* de pesquisa os textos jornalísticos *online* selecionados no banco de dados *Corpus do Português*, a ser melhor descrito em seção posterior.

Acreditamos que o presente trabalho, fundamentado na vertente da Linguística Funcional Norte-Americana, contribui para os estudos de gramática nas escolas, especificamente no que se refere à temática das orações adverbiais condicionais, ao levar em conta as situações reais de uso, de modo a se distanciar da noção de gramática cristalizada, uma vez que demonstra que até mesmo o item linguístico *se*, reconhecido

³ Os conectores não se relacionam ao universo biossocial, mas à articulação interna do texto, interligando segmentos da frase ou do texto. Desse modo, não têm em si um significado referencial, mas sim adquirem significado no contexto de uso. (TAVARES, 1999, p. 63).

⁴ Este trabalho é um recorte de Tese de Doutorado em Linguística, em fase de elaboração.

pelos gramáticos funcionalistas como mais prototípico de sua categoria pode apresentar variações, justificadas e entendidas a partir dos contextos em que é utilizado.

O trabalho está organizado nas seguintes seções, somadas a esta introdução e algumas considerações finais: metodologia, que descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa; referencial teórico, que aborda, panoramicamente, as orações condicionais nas perspectivas tradicional e funcional, nelas inserido o conector condicional *se*, e os resultados e discussões, em que é descrita e analisada a ordem da oração adverbial e sua relação com o estatuto informacional nas orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector *se*, a fim de identificar suas variações sintáticas, semânticas e discursivas.

METODOLOGIA

O *corpus* utilizado nesta pesquisa é o *Corpus do Português* (CPD), um banco de dados da [língua portuguesa](#), compilado e mantido pelos pesquisadores Mark Davies ([Universidade Brigham Young](#)) e Michael J. Ferreira ([Universidade de Georgetown](#)), com suporte financeiro proveniente do [U.S. National Endowment for the Humanities](#), além de suas respectivas instituições de ensino. Delimitamos, particularmente, o *Corpus do Português NOW*⁵, que reúne notícias da *web* (aproximadamente 1,3 bilhão de palavras), presentes em jornais e revistas *online*, compreendendo o período que vai do ano de 2012 até o atual, recorte que atende o contingente de dados demandados para a análise por nós pretendida e adiante explicitada.

Para a realização da coleta dos dados, procedemos com a quantificação dos jornais selecionados, constituindo um total de 60 (sessenta) diferentes exemplares. A coleta foi realizada a partir do uso do localizador de texto presente no *Corpus do Português* e da leitura sistemática dos jornais⁶. A escolha por essa quantidade é justificada por acreditarmos que é representativa do português escrito nos jornais, alcançando suportes jornalísticos de regiões diversas do nosso país e quantitativamente consistente para alcançarmos os objetivos da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

⁵ Descrição elaborada com base nas informações divulgadas na página virtual do *corpus*.

⁶ O processo de coleta e seleção dos jornais desconsiderou os jornais de Portugal que constavam no banco de dados, uma vez que buscamos investigar os usos do conector na língua portuguesa brasileira; além disso, excluiu os *sites* que se encontravam com a página indisponível.

Nesta seção, examinamos os compêndios gramaticais no que diz respeito ao tratamento das orações condicionais, de modo a destacarmos constatações decorrentes de alguns destes compêndios. Em seguida, abordamos, panoramicamente, as orações condicionais nas perspectivas tradicional e funcional, nelas inserido o conector condicional *se*. Verificamos, inicialmente, que o conector *se* é mencionado como condicional por excelência nas gramáticas representativas da vertente normativa ((MELO, 1978; ROCHA LIMA, [1986] 2019; CUNHA, [1989] 2007; BECHARA, 2009) e da vertente funcional (CASTILHO, 2010; NEVES, 2018; BAGNO, 2011). Esse resultado ressalta o *se* como elemento prototípico das conjunções condicionais.

O gramático normativo Melo (1978) indica as orações condicionais como uma subclasse das conjunções subordinativas. O autor assevera que a oração subordinada recebe nome conforme o papel que desempenha na oração da qual é dependente. Desse modo, ao caracterizá-la por elementos que exprimem hipótese ou condição, indica como exemplo de oração adverbial condicional ou hipotética “Evitavam-se; *se podiam*, não comiam juntos; *se comiam juntos*, diziam pouco ou nada (Machado, Esaú e Jacó, p. 306)” (MELO, 1978, p. 151).

As orações condicionais são apresentadas por Rocha Lima ([1986] 2009) como um tipo de oração subordinativa. É oportuno mencionar que o autor discorre sobre o tema de maneira embrionária e pouco esclarecedora, uma vez que não há explanação do que vem a ser uma oração condicional. O gramático apresenta, tão somente, alguns termos que podem ser classificados como conjunções condicionais e aponta dois exemplos de orações condicionais: *Irei a casa, [se puder.]* e *Contar-lhe-ei o caso, [contanto que você guarde segredo]* (ROCHA LIMA, [1986] 2009, p. 237).

Cunha ([1989] 2007) atesta que as conjunções subordinadas condicionais iniciam orações adverbiais, o que se configura como uma informação a mais, quando comparamos com Rocha Lima ([1986] 2009). O autor aponta que as orações condicionais são definidas como aquelas que “iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal” (Cunha ([1989] 2007), p. 338). A título de exemplificação, é apresentada a oração *Seria mais poeta, se fosse menos político (M. de Assis)*.

Castilho (2010, p. 375), por sua vez, reconhece que, tradicionalmente, há três tipos de relacionamento entre a prótase, que é a primeira sentença, e a apódose, a



segunda sentença. O primeiro deles é definido condicional real ou factual, uma vez que o enunciado da prótase é concebido como real, e em decorrência disso o enunciado da apódose é tido como uma consequência necessária, igualmente real. Segundo o linguista, essas condicionais remetem para o mundo do já sabido, e geralmente apresentam o esquema [se + indicativo/indicativo], para fazer referência à partícula *se* seguida dos modos dos verbos presentes na oração condicional e na oração principal, visto em seu exemplo: *se eu estudo, passo de ano*. Ele acrescenta que as condicionais reais mostram paralelismo com as causais e as conclusivas em *Se S1, é porque S2* e *Se S1, então S2*, nos respectivos exemplos: (...) *porém se há persistência do nódulo...é porque aquele nódulo é patológico*; (...) *Se essa aréola possui uma série de tubérculos...então o tubérculo é nomeado de (...)*”.

O segundo tipo de relacionamento entre a prótase e a apódose é chamado de condicionais eventuais ou potenciais, pois a prótase é eventual, e a apódose confirma a hipótese anterior desde que seja satisfeita a condição verbalizada na prótase. De acordo com Castilho (2010), as condicionais eventuais representam o mundo epistemicamente possível, tendo como esquema habitual o [se + subjuntivo/indicativo], ilustrado no exemplo: *Eu acho que se sair antes das seis horas da manhã sai melhor*.

O terceiro tipo é denominado de condicionais contrafactuais ou irrealis, em que a prótase encerra uma afirmação falsa, contrária à realidade. O esquema apresentado pelo autor é o [se + subjuntivo/forma em -iria], demonstrado em: *a imagem que eu fazia era a seguinte: se o Japão fosse uma Birmânia (...) as economias industriais que ganharam a Segunda Guerra não teriam ajudado o Japão*.

Ao discorrer sobre as orações subordinadas adverbiais condicionais, um dos pontos discutidos por Neves (2018) é a ordem das orações, ao frisar que a oração condicional posposta, isto é, colocada no final da frase, representa de modo mais evidente uma informação nova e relevante, enquanto que a oração condicional anteposta, em que a condição é anterior àquilo que é condicionado, é uma espécie de ponto de apoio para o que se vai dizer a seguir. Neves (2018) aponta a oração condicional anteposta como mais frequente, além de observar que, geralmente, o uso de vírgula se faz mais presente em orações condicionais antepostas do que em orações condicionais pospostas.

Por fim, no que se refere ao estatuto informacional das orações adverbiais condicionais, é relevante acrescentarmos que o falante, tendo como parâmetro o que

julga ser do conhecimento do ouvinte durante a comunicação, configura sua fala, sintaticamente, com vistas à eficácia da comunicação. Nesse sentido, a informação velha representa o que o falante acredita estar na consciência do ouvinte; enquanto a informação nova corresponde ao que o falante acredita estar acrescentando à consciência do ouvinte no momento da enunciação. Além disso, se uma informação for recuperada com base no contexto precedente, é considerada velha, se não, é nova (CHAFFE, 1976).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na amostra de 60 textos analisados, identificamos 101 ocorrências do conector condicional *se*, o que demonstra um significativo índice de frequência nos jornais *online*. Com base nas ocorrências encontradas, descrevemos e analisamos, inicialmente, a ordem das orações adverbiais introduzidas pelo conector *se*. Para isso, entendemos que a ordem em que a oração adverbial aparece em relação à oração nuclear é um dos parâmetros que representa o grau de prototipicidade dos elementos conectores condicionais.

Segundo Neves (2018), a oração condicional anteposta à oração nuclear é mais frequente, além do fato de que a existência de pausa sinalizada pela pontuação também é mais recorrente em orações condicionais antepostas do que em orações condicionais pospostas à oração nuclear. Ainda, a adverbial condicional pode aparecer de modo intercalado com a oração nuclear, com a existência ou não de vírgulas. Dessa forma, observamos o conector condicional *se* presente na oração anteposta, considerando que esta é mais prototípica do que as orações condicionais pospostas ou intercaladas à oração nuclear. Vejamos os resultados obtidos na tabela 01, a seguir:

Parâmetro	Quantidade	%
Anteposta	80	79,20
Posposta	16	15,85
Intercalada	05	4,95
Total	101	100

Através dos resultados dispostos na tabela 01, verificamos a predominância da anteposição da oração adverbial construída com o *se* condicional, com 79,20 % das ocorrências, em relação à posposição, que corresponde a 15,85% das ocorrências e às intercaladas, com 4,95%. Os exemplos (01), (02) e (03), respectivamente, explicitam as ocorrências de oração adverbial anteposta, de oração adverbial posposta e de oração adverbial intercalada:

- (01) “O Ricardo é um monstro, tem 39 anos de idade, treina para caramba, tem uma responsabilidade muito grande de liderança dentro do plantel. Eu avisei o Ricardo que sairia com o Alerrandro. Ontem mesmo no treino, ele foi o último a sair do campo treinando finalização. **Se** fosse qualquer outro atleta, poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro”, disse Santana. (SUPERESPORTES)
- (02) A hepatite C é transmitida pelo contato com o sangue contaminado. Pode ser na manicure, pelo alicate de unha, por exemplo, ou na hora de colocar um piercing, **se** os instrumentos não estiverem esterilizados. “E eu tenho tatuagem também, e aí acho que foi um dos motivos também de eu querer saber se caso estou contaminado ou não”, conta o ator Felipe Tavares. (G1)
- (03) [...] Tem outro fenômeno menos conhecido, mas igualmente importante: quando a grávida está desnutrida ocorrem adaptações fisiológicas que deixam a criança com mais risco de obesidade quando adultos. Além disso, a criança que nasce com baixo peso, **se** consegue sobreviver, terá mais risco de sofrer de obesidade quando adulta”, explicou Ana Kepple. (G1)

Como podemos visualizar, a ocorrência (01) demonstra um exemplo em que a oração condicional *Se fosse qualquer outro atleta* aparece anteposta à oração nuclear *poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro*. A ocorrência (02), por sua vez, evidencia um exemplo em que a oração condicional *se os instrumentos não estiverem esterilizados* aparece na ordem posposta à oração nuclear *A hepatite C é transmitida pelo contato com o sangue contaminado*. Em (03), a oração adverbial *se consegue sobreviver* aparece intercalada na oração nuclear *Além disso, a criança que nasce com baixo peso terá mais risco de sofrer de obesidade quando adulta*, entre pausas, sinalizadas pelas vírgulas.

A ordem das adverbiais, no entanto, não ocorre de maneira aleatória, mas também determina o estatuto de informação apresentado por elas. Dessa forma, o estatuto informacional também pode ser considerado um outro parâmetro para determinar a prototipicidade dos conectores condicionais e para evidenciar suas variações sintáticas,

semânticas e discursivas. De acordo com Neves (2018), as orações adverbiais condicionais apresentam de modo mais frequente uma informação que não é dita como nova. Portanto, quando uma informação apresentada na oração for considerada nova e relevante, seu grau de prototipicidade será inferior ao de conectores utilizados em orações condicionais que retomam alguma informação dita na oração nuclear.

Além disso, se uma informação for recuperada com base no contexto precedente, é considerada velha, se não for recuperada, é nova (CHAFE, 1976). Algumas relações condicionais também podem desempenhar outros valores, como a concessividade, a retomada, a exemplificação etc. (CHAFE, 1984), de modo secundário. Esses outros valores são sugeridos devido a sua ordenação, algum marcador linguístico que se faz presente nas orações ou, ainda, se encontra implícito e passível de interpretação, devido a relações pragmático-discursivas.

No que se refere ao uso da condicional *se*, foi constatado que o estatuto informacional das orações adverbiais antepostas é distinto do estatuto informacional das adverbiais pospostas. Os dados comprovaram que há uma tendência de que as antepostas conduzam informações velhas, enquanto que as pospostas e as intercaladas veiculam informações novas, conforme os resultados obtidos na tabela 02:

Ordem da adverbial	Estatuto informacional	Quantidade	%
Anteposta	Informação velha	80	79,20
	Informação nova	00	0
Posposta	Informação velha	05	4,95
	Informação nova	11	10,90
Intercalada	Informação velha	00	0
	Informação nova	05	4,95
Total		101	100

Os dados constatados na tabela 02 evidenciaram a ocorrência de informações velhas introduzidas por meio das orações condicionais antepostas à oração nuclear, de forma majoritária, correspondendo a 79,20% das ocorrências. Esse resultado condiz com a afirmação feita por Neves (2018) de que é mais prototípica na oração condicional que aparece na ordem anteposta à oração nuclear, a veiculação de uma informação velha. Em

contrapartida, apesar de as orações condicionais pospostas à nuclear expressarem, na maioria das ocorrências, (10,90%), informações novas, houve algumas ocorrências de orações pospostas que introduziram informação velha (4,95%). No que concerne às orações intercaladas, observamos que expressaram categoricamente informações novas (4,95%).

Os dados revelaram, ainda, outros valores semânticos e discursivos nas orações, que podem ser encabeçados pelo conector condicional *se*. Alguns exemplos ilustram como a condicional *se* pode encabeçar outros valores semânticos e discursivos, ao introduzir uma informação nova ou indicar uma informação velha. Esses valores são entendidos como subfunções à função condicional, acionadas no contexto discursivo sobre os enunciados, que estão associadas às intenções dos usuários. Na ocorrência (01), aqui retomada, a oração adverbial indica uma informação que não é nova, já que é decorrente de ideias que haviam sido expressas pelo treinador Santana em relação à determinação de treinamento do atleta Ricardo Oliveira, evidenciando, desse modo, os valores de retomada/adendo e de avaliação:

- (01) “O Ricardo é um monstro, tem 39 anos de idade, treina para caramba, tem uma responsabilidade muito grande de liderança dentro do plantel. Eu avisei o Ricardo que sairia com o Alerrandro. Ontem mesmo no treino, ele foi o último a sair do campo treinando finalização. **Se** fosse qualquer outro atleta, poderia ter terminado o treino e ir embora para o chuveiro”, disse Santana. (SUPERESPORTES)

A informação velha na adverbial também se faz presente em (04), ao ser um desdobramento da informação dada pelo advogado Murilo Sudré, retomando o fato de que *o município não forneceu a estrutura adequada à população*, informação anteriormente mencionada:

- (04) Ainda segundo Murilo Sudré, é dever do município fornecer a estrutura necessária para depois exigir determinada ação da população. “**Se** o município não cumpriu a parte dele, ele não poderia exigir uma conduta do seu cidadão de depositar essa água. Se caso a pessoa for notificada e não tenha condição de fazer o despejo dessas águas, ela pode fazer um recurso administrativo e, uma vez não acatado, ela pode demandar judicialmente contra essa ação”, revela. (G1)

Além de indicar uma retomada de informação, há no exemplo o valor consecutivo, já que a causa *não cumprir a parte dele* gera como consequência *a não exigência de uma conduta do cidadão*.

Em (05), diferentemente, observamos evidência de uma informação nova, já que a oração adverbial aponta que a falta de medicamento imunossupressor é causa da morte do paciente, conforme fala do médico Édison Régis:

- (05) O médico e professor adjunto de Nefrologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Edison Régio, entrevistado pelo Repórter SUS, explica em mais detalhes: "No caso do [transplante de] rim, o paciente perde o enxerto e volta para a máquina [hemodiálise]. É terrível. No caso do coração, fígado e pulmões, o paciente morre **se** faltar a medicação imunossupressora". (BRASIL DE FATO)

Enquanto em (04) observamos que a oração adverbial estabelece com a oração nuclear uma relação consecutiva, em (05), a oração adverbial estabelece relação causal.

Em (02), a oração adverbial indica uma informação nova, a de que os instrumentos não esterilizados podem transmitir hepatite C:

- (02) A hepatite C é transmitida pelo contato com o sangue contaminado. Pode ser na manicure, pelo alicate de unha, por exemplo, ou na hora de colocar um piercing, **se** os instrumentos não estiverem esterilizados. "E eu tenho tatuagem também, e aí acho que foi um dos motivos também de eu querer saber se caso estou contaminado ou não", conta o ator Felipe Tavares. (G1)

Observamos que a informação nova desempenha valor restritivo, pois os instrumentos podem transmitir a doença *somente se* não estiverem esterilizados, sendo a condicional exercida como uma maneira de demonstrar de que *modo a hepatite C é transmitida pelo contato com sangue contaminado*.

No exemplo (03), por meio de uma oração intercalada, a especialista em nutrição Ana Kepple, inclui uma informação que contraria o que ocorre, de acordo com ela, de modo mais frequente em relação às crianças que nascem com baixo peso:

- (03) [...] Tem outro fenômeno menos conhecido, mas igualmente importante: quando a grávida está desnutrida ocorrem adaptações fisiológicas que deixam a criança com mais risco de obesidade quando adultos. Além disso, a criança que nasce com baixo peso, **se** consegue sobreviver, terá mais risco de sofrer de obesidade quando adulta", explicou Ana Kepple. (G1)

Constamos, pois, uma informação nova, isto é, a criança conseguir sobreviver. Nessa oração condicional observamos também um valor temporal, visualizado com maior facilidade ao substituímos o *se* pelo conector temporal *quando*: *quando consegue sobreviver*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da ordem das orações adverbiais condicionais introduzidas pelo conector *se* e sua relação com o estatuto informacional, realizada no presente trabalho, apontou variações em seus usos, ativadas com base nos propósitos comunicativos e nos contextos em que foi utilizado.

Os resultados obtidos no trabalho revelam que, apesar do conector *se* ser o mais prototípico da referida categoria, pode apresentar variações sintáticas, semânticas e discursivas. Assim, os dados obtidos ressaltam que não existe uma gramática cristalizada, conforme apresentaram os normativistas, mas em constante mudança, já que está intrinsecamente relacionada à organização textual e discursiva.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do Português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão Técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, W. **Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, pp. 437-449, 1984.

CHAFE, W. L. Givenness, Contrastiveness, Definiteness, subjects, topics and point of view In: LI, C. **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976.

CUNHA, C. (1989). **Gramática do português contemporâneo**. Edição de bolso. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

GIVÓN, T. Serial verbs and mental reality of “event”: grammatical vs. Cognitive packaging. In: Elizabeth TRAUOGOTT; B. HEINE (eds.) **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. v.1.

NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.



ROCHA LIMA, C. H. (1986). **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**, 55ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019

TAVARES, M. A. **Um estudo variacionista de *aí*, *daí*, *então* e *e* como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. 1999. 176f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999.